

## Da História do *Institutum Sapientiae*

### Summary

*This article gives an outline of the historical development of the Institutum Sapientiae, the current institution of the philosophical-theological formation of the Order of Canons Regular of the Holy Cross, which originated in Coimbra, Portugal. The Institute's cradle is to be found in the cultural and theological erudition of the first generation of the Cruzios, who established the claustral school of the Monastery. Their copyists, on account of their codices, and figures like St. Anthony of Lisbon, on account of their preaching, give some evidence, until the present day, of this institution's former activities. The Cruzios participated in the origin of the first University of Portugal, which – especially after its definitive transfer from Lisbon to Coimbra in 1537 – developed under their significant influence. From 1537 on, three professorial chairs of Theology of the University functioned within the walls of the Monastery, and throughout almost the whole of the three following centuries, the Priors General of the Congregation held the office of the Chancellor of the University. In 1604, the Colegio Novo de Santo Agostinho, also called Colegio da Sabedoria, began to operate in a separate building outside the Monastery. While the formation of the Cruzios themselves remained inside the walls of the Monastery, there grew, in the course of time, the number of the members of that Colegio who held important offices in the University of Coimbra. After the civil suppression of the ancient Congregation in 1834, the Order of the Holy Cross, by a decree of the Holy See, was restored in 1979. After having transferred the former Colegio da Sabedoria to Brasil under the title of Institutum Sapientiae, the Order continues the tradition of the ancient Institute, placing it at the service of priestly formation for the current needs of the Church.*

\*

A Ordem da Santa Cruz, restaurada há vinte anos, continua a tradição do seu Colégio de Sabedoria em Coimbra no *Institutum Sapientiae*. Esta tradição não se restringe exclusivamente à história de um particular Instituto religioso, mas sobretudo ao desenvolvimento do ensino da Igreja, da *Mater et Magistra* que, em certo sentido, é promotora e protetora de toda cultura cristã e humana.

Foi *ex corde Ecclesiae* que nasceram as primeiras Universidades na Europa, elas que, desde a Idade Média, se tornaram cada vez mais importantes centros de sabedoria e de todas as ciências.

Este breve e limitado histórico do *Institutum Sapientiae* dividimos em quatro capítulos:

- I. Fundação do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra (Portugal) em 1131/32;
- II. Desenvolvimento da Escola do mosteiro e sua ligação à Universidade de Coimbra;
- III. Instituições acadêmicas da Congregação de Santa Cruz até a sua extinção no século passado, em 1834;
- IV. Restauração do *Institutum Sapientiae* em Anápolis (Brasil).

## I. Princípios da Escola claustral de Santa Cruz

Em Portugal, como noutros países, devem-se à Igreja as primeiras escolas. Estabelecidas junto às catedrais, colegiadas e mosteiros, destinavam-se no começo à preparação do clero, mas algumas vieram a tornar-se públicas, recebendo de preferência estudantes pobres. As de Braga e Coimbra fundaram-se logo que se restabeleceram as corporações capitulares, depois da restauração das dioceses<sup>1</sup>.

Após a segunda reconquista de Coimbra (em 1064) o Bispo D. Paterno (1080-1087) fundou a Escola da Catedral, dirigida primeiramente pelo Arcediago e depois pelo Mestre Escola do Cabido<sup>2</sup>. Na vigília da festa dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (28 de Junho) do ano 1131 lançou-se em

---

<sup>1</sup> Miguel DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, 112. - Cf. JOÃO PAULO II, *Constitutio Apostolica Sapientia christiana*: “Etenim in Ecclesia a prima eius aetate ... *didascalica* exorta sunt ad christianam sapientiam docendam, qua vita moresque hominum imbuerentur. Ex his christianae sapientiae domicilliis suam hauserunt scientiam praestantissimi Ecclesiae Patres et Doctores, Magistri et Scriptores ecclesiastici.

Labentibus vero saeculis, sollerti potissimum episcoporum ac monachorum opera, prope cathedrales ecclesias atque monachorum coenobia scholae constitutae sunt, quae tum ecclesiasticam doctrinam tum civilem cultum, veluti unum quidam efficientes, promovebant. Inde ortae sunt studiorum Universitates, gloriosum illud Mediae Aetatis institutum, quod ab initio Ecclesiam liberalissimam matrem atque patronam habuit” (*Prooemium* II).

<sup>2</sup> O 3º Concílio de Latrão em 1179 dispôs que nas catedrais houvesse um *mestre-escola*, para ensinar gratuitamente clérigos e alunos pobres. A instituição do mestre-escola em Coimbra e Braga é, porém, anterior a essa determinação conciliar (cf. DE OLIVEIRA, 112).

Coimbra a primeira pedra da Igreja e do Mosteiro de Santa Cruz, iniciando-se a vida regular no dia 24 de Fevereiro do ano 1132.

À escola da Catedral sucedeu, no ensino e desenvolvimento cultural de Coimbra, o Mosteiro de Santa Cruz. Entre os fundadores contam-se as primeiras dignidades do Cabido. O Arceidiago D. Tello, o Mestre Escola D. João Peculiar e o Deão D. Miguel Salomão que mais tarde foi Bispo de Coimbra. Todos eles levaram para Santa Cruz o gosto pelas letras e pelo desenvolvimento cultural que tinham ensinado na Escola da Catedral<sup>3</sup>.

## 1. Primeiros Crúzios eruditos

### a) Dom Telo (1070-1136)

*Dom Telo*, primeiro e principal dos fundadores do Mosteiro de Santa Cruz, foi Arceidiago da Sé de Coimbra. Provavelmente originário da zona de Viseu, desde criança foi educado no *studium* da Sé fundado por D. Paterno. Mais tarde tornou-se mestre do jovem Teotónio, quando este, depois de 1092, foi trazido para Coimbra pelo tio D. Crescónio<sup>4</sup>.

### b) D. João Peculiar (1110-1175)

O confidente mais íntimo de D. Telo foi Dom João Peculiar, um dos “mestres” a nós conhecidos entre o grupo dos primeiros “doze varões apostólicos” que iniciaram a fundação de Santa Cruz. Era oriundo da zona de Coimbra ou Lafões, indo estudar na França por volta de 1128 e vindo com o título de *magister*. Ainda jovem, ingressou no cabido da Sé, onde se tornou mestre-escola<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A. Brito CARDOSO, *A Igreja e a Universidade de Coimbra a propósito dos seus setecentos anos*, 41 (457).

<sup>4</sup> Cf. *Vita Theotonii*, 2 (ed. Aires A. Nascimento, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, 142-143).

<sup>5</sup> Na Crónica de Timóteo dos Mártires lemos: “Dom João Peculiar, natural da Cidade de Coimbra. Seu pay era de nação Frances, chamado Christovão Peculiar, e sua may Portugueza de nobilissima familia desta Cidade. Sendo mosso o mandaram estudar â Universidade de Paris; vindo de lâ, ia bom letrado lhe deram o mestrescolado da seé cathedral desta Cidade, aonde se ajuntou com o Arceidiago Dom Tello pera fundarem o novo, e real mosteiro Santa Crus” (TIMÓTEO DOS MÁRTIRES, *Crónica de Santa Cruz* I, 2); cf. Armando Alberto MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Séculos XII-XV*, 644 - nota 90).

D. João Peculiar acompanhou D. Telo a Roma. Pouco depois, em 1136 foi nomeado Bispo de Porto e, em 1139, Arcebispo de Braga<sup>6</sup>.

### c) Mestre Pedro Alfarde

Na sua dissertação *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Séculos XII-XV*, Armando Alberto Martins escreve:

A existência de vários mestres de que temos notícia (nos primeiros tempos, os mais conhecidos são Mestre D. João Peculiar e Mestre D. Pedro Alfarde ...) como exímios em Gramática, Retórica, Pregação e Medicina, dão-nos a idéia do bom nível que o ensino e a escola deviam ter atingido na canônica<sup>7</sup>.

*Mestre Pedro Alfarde* organizou os dois cartulários da canônica coimbrã, e por ordem de São Teotónio escreveu a *Vita Tellonis*.

### d) Outros

Entre os fundadores de Santa Cruz merecem ainda ser lembrados como homens eminentes de cultura: *D. Odório*, antes Prior do Cabido de Viseu, e em 1148 Bispo daquela diocese;

*D. Miguel*, mais tarde Bispo de Coimbra, e os irmãos *Domingos* e *Pedro Salomão*, os iniciadores do *scriptorium* no Mosteiro de Santa Cruz.

## 2. São Teotónio, primeiro Prior (1082-1162)

A Escola claustral do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra deve seu início não somente à erudição dos primeiros Crúzios, mas também à personalidade espiritual do primeiro Prior, São Teotónio. Este, nos vinte anos do seu ofício (1132-1152), estruturou de modo decisivo a fundação de seu tio, D. Telo. Uma relíquia de S. Teotónio (parte dos ossos do braço) encontra-se desde o ano 1669 na catedral de São Salvador da Bahia, quando o Crúzio D. Estêvão dos Santos Carneiro tornou-se Bispo desta diocese (1668-1672)<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. AVELINO DE JESUS DA COSTA, *D. João Peculiar. Co-Fundador do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Bispo de Porto e Arcebispo de Braga, em Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX*, 59-83.

<sup>7</sup> MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 588.

<sup>8</sup> Cf. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES, *Crónica I*, 53-54; ARLINDO RUBERT, *A Igreja no Brasil, II. Expansão missionária e Hierarquia*, Santa Maria, 1983, 69-70.

Em 1982 celebrou-se em Portugal o nono centenário do nascimento de São Teotónio. Durante a Missa pontifical o Bispo de Coimbra D. João Alves salientou o papel do primeiro Prior na vida intelectual em Santa Cruz:

A reconhecida qualidade cultural da escola do Mosteiro de Santa Cruz deve-se, sem dúvida, em boa parte a S. Teotónio que soube desde a fundação, e segundo o espírito da Ordem dos Cónegos Regrantes, imprimir à Comunidade a par do gosto pela contemplação o amor ao estudo das Sagradas Escrituras, dos Escritos dos Santos Padres e das Obras dos mais notáveis expoentes da cultura e da ciência humanas.

Pelos documentos antigos ficamos a saber que logo desde o princípio Santa Cruz teve a sua escola claustral e que o estudo e cultura ocuparam, nela, lugar de relevo.

Não nos causa admiração tal facto se nos lembramos de que S. Teotónio teve cuidada formação na escola catedral de Coimbra e depois de Viseu e que por leitura e viagens o seu espírito muito se veio ainda a enriquecer e que com ele se encontrava em Santa Cruz D. Telo, ... homem culto, e D. João Peculiar, homem de mais eminentes do saber<sup>9</sup>.

Os sucessores do primeiro Prior continuavam na mesma linha<sup>10</sup>. Manuel Augusto Rodrigues, escreve:

A pedido de D. João Peculiar e de D. Telo, o Papa Inocêncio II houve por bem tomar o Mosteiro sob a sua proteção, concedendo-lhe autonomia e isenção em relação ao Prelado diocesano, pela Bula *Desiderium quod*, de 26 de Maio de 1135. Nestas condições, os Priores de Santa Cruz souberam e conseguiram corresponder às esperanças que neles se depositavam.

Segura e perseverantemente, aproveitando os pingues rendimentos e a privilegiada situação jurídica que lhes foram concedidos, levaram a cabo relevantes iniciativas colonizadoras, de promoção rústica, de obras de assistência e de caridade, de alfabetização e formação profissional, e promoveram fecunda actividade literária e científica através da sua Escola, onde se ministrava o ensino das ciências

---

<sup>9</sup> D. João ALVES, Homilia do solene Pontifical 24-2-1982, 234-235.

<sup>10</sup> “Para que esta Escola dispusesse de um corpo de Mestres à altura dos melhores estrangeiros, o Prior de Santa Cruz pediu a D. Sancho I um subsídio pecuniário para custear as despesas de escolares enviados a França, ao que o Rei respondeu benevolamente, concedendo-lhe a quantia de 400 morabitos” (Manuel Augusto RODRIGUES, *Abertura* [5] em *Bullarium Monasterii Sanctae Crucis Conimbrigensis*). Assim D. Sancho I (1185-1211) possibilitou que alguns Cónegos regrantes fossem a Paris “estudar as Sciencias que no Reino se não ensinavam” para virem depois ensiná-las em Coimbra (NICOLAO DE S. MARIA, *Chronica da Ordem dos Cónegos regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, II, Lisboa 1668, 98).

compreendidas nos programas medievais ... e abrangendo os estudos teológicos, bíblicos, litúrgicos e musicais<sup>11</sup>.

### 3. A Escola do Mosteiro de Santa Cruz

Expondo a identidade religiosa dos Cônegos regnantes e especificamente a formação intelectual, A. A. Martins escreve:

A *Regra de Aix*, dada a necessidade de vigiar a educação das crianças e adolescentes confiados aos mosteiros, estatuiu especiais cuidados a ter com a escola, fazendo três recomendações programáticas: em cada escola deveria haver, ao menos, um mestre – “*magister*” –, particularmente capaz e devotado no aspecto intelectual e pedagógico, além de digno de confiança no aspecto moral; os mestres deveriam ser peritos no conhecimento do modo de ser das crianças e dos adolescentes; finalmente, o programa de estudos devia abranger as artes liberais (em especial, o *trivium*, onde a Gramática, como ciência da iniciação, tinha o primeiro lugar) mas, sem esquecer a aprendizagem das regras do canto e da liturgia ...

O L[*iber*] O[r*dinis*] de Santa Cruz refere a presença do “*magister*” e das crianças criadas na congregação (mesmo antes dos doze anos), objecto de especial cuidado do Prior, na sua assistência e correcção, preparando-os para a primeira etapa da vida canonical ... Os textos normativos insistem nos “*magistri*” em número suficiente e com qualidades que os recomendassem. A preparação exigia, por outro lado, livros disponíveis, entre os quais os do ofício divino e da “*lectio divina*”. Eram, sobretudo, os *Saltérios*, por onde as crianças aprendiam a ler ou os adolescentes treinavam a gramática.

A necessidade destes livros obrigava a formar bibliotecas, constituindo-se o primeiro núcleo no claustro, onde se faziam muitas das leituras. Ao “*armarium*” ou ao sacristão (como em Santa Cruz) cabia a tarefa de distribuir e recolher os livros, ordenando-os no armário, mandando-os restaurar quando deteriorados, vigiando para que não desaparecessem. A sua cópia ou multiplicação exigia, por outro lado, oficinas e oficiais próprios – “*scriptorium*” e “*scriptores*”<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> RODRIGUES, *Abertura* [5].

<sup>12</sup> MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 585-586.

## a) Scriptorium

O *scriptorium* em Santa Cruz<sup>13</sup>, iniciado por Domingos e Pedro Salomão, tinha vários copistas<sup>14</sup>. Estes produziram, sobretudo ao longo dos séculos XII e XIII, dezenas de códices de cópias com que enriqueceram o *armarium* do mosteiro<sup>15</sup>. Este trabalho destinava-se em primeiro lugar a fornecer livros para o uso no coro, no capítulo, no claustro, na mesa e na escola<sup>16</sup>, além de preparar livros para empréstimo externo.

Entre os primeiros códices que formaram o fundo com o qual se organizou a livraria, encontram-se tratados de retórica, obras de física, astronomia, medicina, cômputo e cosmografia. Desde o seu estabelecimento em Coimbra, os Crúzios manifestaram grande interesse e preocupação pela posse de instrumentos de trabalho e de formação intelectual.

---

<sup>13</sup> Cf. Aires Augusto NASCIMENTO, *O Scriptorium de Santa Cruz de Coimbra: Momentos da sua história*, em *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, LXIX-XCV.

<sup>14</sup> Os copistas representam na cultura letrada da Idade Média um lugar primordial. “Numa época em que a produção original nem sempre era muito valorizada, o trabalho de cópia permite fixar o conhecimento e expandi-lo. A escrita tinha uma função sagrada, ligada a uma elite que dominava cultural e religiosamente.

Domingos e Pedro Salomão terão sido os iniciadores do *scriptorium*. A eles coube a tarefa de copiarem os primeiros livros que a Regra de Santo Agostinho e o Costumeiro de Lethberto de S. Rufo exigiam para o correcto funcionamento da vida canónica. Pedro Salomão acompanha João Peculiar a Roma, em 1139 como enviado de Santa Cruz. Cabe-lhe a ele a tarefa de trazer para ali os textos que constituíram o núcleo primitivo da biblioteca, sendo provavelmente os dois cónegos os copistas destes livros ou de parte deles” (Maria Adelaide MIRANDA, *A iluminura de Santa Cruz no tempo de Santo António*, 7).

<sup>15</sup> Cf. A constituição do *armarium* de Santa Cruz nos séculos XII-XIII em MIRANDA, *Iluminura*, 9-14.

<sup>16</sup> “A prática da *lectio* começa exactamente com a análise gramatical do texto que procura o sentido literal, mas obtido com precisão. Para isso os mosteiros necessitavam de livros de estudo. Em Santa Cruz conservou-se apenas um manuscrito [trata-se do tempo de S. António]. Contém uma compilação de textos gramaticais de que constam: o *Vocabularium* de Papias; a *Ars Grammaticae* do mesmo autor, o *Liber Interpretationis Hebraicorum Nominum* de S. Jerónimo; *Nomes Bíblicos* de Beda, o Venerável; e *De Numeris* de Rabano Mauro” (MIRANDA, *Iluminura*, 50).

Edificado o Mosteiro, logo D. Telo, seu fundador, teve o cuidado de mandar vir de S. Rufo de Avinhão inúmeros manuscritos de índole teológica, bíblica, monástica, literária e científica, a que se juntaram, de seguida, obras como as *Collationes* de Cassiano [do ano 1165], o *Liber Comicum* de 1139, a *História Eclesiástica* de Eusébio, textos de Flávio Josefo, Rábano Mauro, S. Jerónimo, ... Santo Ambrósio, Santo Isidoro de Sevilha, Tícónio, Papias, ... dos clássicos gregos e latinos<sup>17</sup>.

Ao lado dos escritores cristãos e judaicos mais antigos e da Patrística, a livraria possuía obras mais recentes, como p. ex. de S. Bernardo de Claraval, Fulberto de Chartres, Hugo e Ricardo de S. Vitor, Inocência III e dos *moderniores magistri de Francia*<sup>18</sup>. Além disso, os Crúzios possuíam no seu cartório grande número de textos de autores árabes, como Aljazar (na tradução de Constantino, o Africano), Rasis, Alcabício e outros, pois Coimbra foi um centro importante do Moçarabismo<sup>19</sup>.

O aproveitamento desta riqueza patrimonial literária pode-se deduzir dos Mestres e escolares que saíram desta escola conventual - como p. ex. D. Raimundo, “mestre profundíssimo em diversas ciências”, D. Pedro Peres, “magno em Gramática, Medicina, Lógica e Teologia”<sup>20</sup>, e alunos como Santo António, Frei Gil e Luís de Camões.

## b) Ensino de disciplinas eclesiais

No século XII os programas dos estudos canonicos dependeram frequentemente da capacidade organizadora e empreendedora do Mestre que presidia à escola. Havia, apesar de tudo, traços gerais que davam forma a todos os programas e a todos os métodos: o fundamento do sistema de

---

<sup>17</sup> RODRIGUES, *Abertura* [2-3].

<sup>18</sup> Cf. MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 587-588.

<sup>19</sup> Cf. RODRIGUES, *Abertura* [4].

<sup>20</sup> *Gemma Coronae* fl. 95v: “Magister domnus prior monasterii Sanctae Crucis, Magister Raymundus, ipsius loci canonicus profundissimus in diversis scientiis litteratus; Magister Petrus, quondam prior ipsius monasterii (S. Vincentii); domnus Petrus Petri, magnus in Grammatica, Medicina et Logica et in Theologia qui per optime predicabat”. Nicolao de Santa Maria discorre abundantemente sobre estes e outros “mestres de boas artes e ciências do mosteiro” de Santa Cruz (cf. IDEM, *Chronica da Ordem*, II, 57-60).



ensino continuava a ser o *trivium* e o *quadrivium*<sup>21</sup>, mas as necessidades práticas da escola só excepcionalmente permitiam que se estudassem todas as suas disciplinas.

As *artes liberales* do *trivium* e *quadrivium* na antiguidade serviam como propedêutico da filosofia. Hugo de S. Vítor († 1141), regente e mestre de uma canônica perto de Paris, aberta a estudantes de várias nações, encontrou “in septem artibus liberalibus fundamentum omnis scientiae”<sup>22</sup>. Ele, de certo conhecido e seguido pelos Crúzios de Coimbra, entendia assim a escola:

Vejo a escola dos estudantes, grande grupo e de todas as idades: rapazes, adolescentes, jovens ou mais velhos. Também os estudos são variados: uns exercitam-se na pronúncia de novas letras ou a emitir sons a que a sua língua não estava habituada. Outros, aprendem a declinar os verbos, a composição e a derivação dos vocábulos, que começam a conhecer, ouvindo. Comparam-se entre si e pela repetição esforçam-se por fixá-los na memória. Outros, com um estilete sulcam tabuinhas de cera, ou traçam no pergaminho riscos e desenhos de várias cores, com uma pena guiada por mão experiente.

Há ainda outros que se aplicam a estudos mais áridos e abstractos, à dialéctica, por exemplo, e noto como com mil astúcias verbais e mil artifícios tentam surpreender os companheiros. Vejo alguns empenhados no cálculo, outros percutindo uma corda tensa à procura de melodias no meio de sons diversos. Uns estudam geometria e, com o auxílio de certos instrumentos, estabelecem a posição e o curso dos astros ou traçam o seu movimento no céu. Finalmente, há os que observam a natureza das plantas, as qualidades dos seres, a constituição do homem<sup>23</sup>.

A educação religiosa acompanhava a formação intelectual: pelo *Saltério* iniciava-se a arte do canto. A orientação dada em Santa Cruz mostra seguir o ideário augustiniano, encaminhando as artes do *trivium* para o estudo da filosofia, com o objectivo final da *lectio divina*, da teologia e da pregação<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> As *Artes liberales* eram constituídas do *trivium*, com a gramática, a retórica e a dialéctica, - e do *quadrivium*, com a aritmética, a geometria, a música e a astronomia.

<sup>22</sup> *Eruditio Didascalica*, III, 4 (PL 176, 769<sup>C</sup>). - Essa tradição do saber e do ensino superior termina com S. Tomás, que escreveu: “artes liberales non sufficienter dividunt philosophiam theoreticam” (*In Boëth. De Trinitate*, q. 5, a. 3, ad 3).

<sup>23</sup> HUGO DE S. VÍTOR, *De vanitate mundi*, I (PL 176, col. 709<sup>C-D</sup>), (tradução: MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 589).

<sup>24</sup> Cf. MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 588-589.

### c) Estudo da Medicina

Além da filosofia e da teologia cultivava-se no Mosteiro de Santa Cruz a medicina. Nicolao de Santa Maria escreve do Prior Gonçalo Diaz (Prior crasteiro desde o ano 1195; em 1202 nomeado Prior môr pelo Rei; falecido em 28 de Abril de 1205):

Este Prior ... foi mandar, que hum dos seus Conegos que estudauaõ em Pariz, estudasse Medicina, e se graduasse nella pera a vir ler no Mosteiro de S. Cruz, pella muita necessidade que havia desta ciencia no Reyno; e porque por aquelles tempos não era o estudo da Medicina indigno de gente Ecclesiastica, e illustre ... Teue tambem o Prior D. Gonçalo Diaz particular intento em mandar, que alguns de seus Conegos estudassem Medicina, e foi ter hum Hospital junto ao seu Mosteiro de S. Cruz, em que por amor de Deos se curauaõ os pobres, e peregrinos ...

D. Mendo Diaz, sobrinho do mesmo Prior, por lhe dar gosto deixou a Theologia, e se deu ao estudo da Medicina com tal cuidado, e diligencia, que sahio nella consumado, e foi o primeiro que a leo publicamente, não só no Mosteiro de S. Cruz, mas neste Reyno; e entre os discipulos que teue foi hum Gil Rodriguez, filho do Alcaide môr de Coimbra D. Rodrigo, que depois tomou o habito de S. Domingos<sup>25</sup>.

Assim a Escola Conventual de Santa Cruz foi um irradiante centro de cultura superior. Concorreu com as similares estrangeiras nos diversos ramos do saber. A ela acorriam alunos de todas as partes, sequiosos de se ilustrarem sob a orientação de Mestres reconhecidos em toda a Europa como representantes da mais sólida, vasta e esclarecida ciência<sup>26</sup>.

### 4. Santo Antônio (1195-1231) - aluno de Santa Cruz

Em 1995 celebrou-se o oitavo centenário do nascimento de S. Antônio de Lisboa. Este grande Santo, batizado com o nome de Fernando, entrou no mosteiro dos Cônegos de S. Vicente em Lisboa. Dois anos depois passou para Santa Cruz em Coimbra (em Maio de 1211). Ordenado sacerdote provavelmente em 1219, entrou na Ordem franciscana em fevereiro de 1220. Faleceu no dia 13 de Junho de 1231 perto de Padua, foi canonizado em 30 de Maio de 1232 e proclamado Doutor da Igreja (*Doctor evangelicus*) em 1947.

---

<sup>25</sup> NICOLAO DE S. MARIA, *Chronica da Ordem*, II, 58-59.

<sup>26</sup> Cf. RODRIGUES, *Abertura* [3].

## Em Santa Cruz de Coimbra

poderiam ter sido Mestres de Fernando Martins, D. João, que tinha obtido *licentia docendi* no Estudo teológico parisiense e D. Raimundo, “canonicus profundissime in diversis scientijs literatus” ... além de um “magister parisius”, embora alguns outros mestres pudessem ensinar na escola crúzia, sem que os seus nomes nos sejam conhecidos. Esses teólogos teriam estudado essencialmente por dois textos ou livros, as chamadas *sumas* - as glosas à Bíblia e as *Sentenças* de Pedro Lombardo.

O estudo da Sagrada Escritura tinha em vista compreendê-la para depois se expor o que houvesse sido compreendido. E na interpretação da Escritura havia então, para Santo Agostinho, dois sentidos-base: o literal ou histórico e o espiritual, figurado ou alegórico. Mas já para outros autores, também representados na livraria de Santa Cruz, demais sentidos se podiam distinguir como o tropológico e o anagógico.

Todas estas notas doutrinárias teriam sido apreendidas por Fernando Martins. Acima de todas elas a máxima parisiense de que “a Bíblia seria o princípio e o fim dos estudos teológicos”, o que nos *Sermões* de Santo António se traduz na afirmação “a plenitude de toda a ciência, a única que vale a pena e que faz sábios, encontra-se no Velho e no Novo Testamento”<sup>27</sup>.

## Fernando Martins bebia a

riqueza cultural fixada nos livros ou transmitida pelo saber dos Mestres. Como nos relata a *Legenda Prima* ouvia de dia as lições sobre a Escritura, continuando-as à noite em reflectida meditação. À luz da sua fé e da sua moral buscava o sentido histórico e alegórico da Bíblia, apoiando essa ciência escriturística no comentário dos Santos Padres. Compreendia, memorizava, qual *Arca do Testamento*, para depois expor argumentando com sólida doutrina, contra os erros dos hereges. Por sua vez, a leitura dos usos e costumes da regra de Santo Agostinho ensinava-lhe o aprofundamento das linhas de conduta por que sempre pautou a sua teoria e a prática, trilhando os caminhos da contemplação, mas também a vida apostólica com o fim da *cura animarum*, em plena vivência da pobreza e da humildade, sentidos de uma vida assumida quer como cónego quer como franciscano<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Maria Helena DA CRUZ COELHO, *Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra*, 191-192.

<sup>28</sup> COELHO, *Santo António de Lisboa*, 193-194.

## II. Desenvolvimento da Universidade em Portugal (1290-1537)

Em Portugal havia várias escolas catedrálcias e monásticas dispersas pelo País: Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Évora e Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, Guimarães, S. Vicente de Fora e outras. A dispersão dessas escolas tinha as suas desvantagens, consumindo esforços, aumentando as despesas e até prejudicando o rendimento pedagógico. Foram os próprios Mestres a reconhecê-lo e a procurar uma solução. Manuel Augusto Rodrigues põe em relevo a dinâmica dos frades crúzios que, pela sua situação geográfica, pelo seu contributo material e, sobretudo, pelo prestígio da sua Escola conventual, foram os maiores estimuladores do projeto da Universidade, os mais esclarecidos na planificação pedagógica e científica, e por séculos os mais devotados patrocinadores e tutelares<sup>29</sup>.

### 1. A fundação (1290)

A Universidade portuguesa, como as outras universidades da Idade Média, nasceu sob a égide maternal da Igreja. Três são os documentos que estão na sua origem.

#### a) Carta ao Papa *Nos devoti filii vestri*

O primeiro documento é uma carta dirigida ao papa Nicolau IV, em 12 de Novembro de 1288, de Montemor-o-Novo, intitulado *Nos devoti filii vestri*<sup>30</sup>. Nessa carta, o abade de Alcobaça, os priores de Santa Cruz de Coimbra, S. Vicente de Lisboa, Santa Maria de Guimarães e Santa Maria de Alcáçova de Santarém, com os reitores de vinte e uma igrejas, expõem ao pontífice que de acordo com muitos outros eclesiásticos e seculares, consideraram conveniente a criação de um *estudo geral de ciências*<sup>31</sup> em Portugal ao

---

<sup>29</sup> Cf. RODRIGUES, *Abertura*, [1-2].

<sup>30</sup> O texto em latim com tradução portuguesa encontra-se em Manuel A. RODRIGUES, *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores*, 77-79.

<sup>31</sup> “*Studium Generale* era o nome dado às Universidades naquela época. É surpreendente que não apareça nem o nome do Rei nem de algum Prelado diocesano na súplica de Montemor-o-Novo. Todavia esta surpresa desfaz-se quando reflectimos que nesta época as relações entre os Prelados portugueses e o monarca não eram amistosas por questões que vinham dos reinados anteriores ... Estas relações tensas desfizeram-se pela concordata dos 40 pontos aprovados por Nicolau IV pela bula *Cum Olim* de 7 de Março de 1289” (CARDOSO, nota 3).

verem que à falta dele, “muitos desejosos de estudar e entrar no estado clerical” se afastavam de seus propósitos, por não poderem freqüentar estudos estrangeiros. Tinham, pois, rogado a D. Dinis que “se dignasse fazer e ordenar um geral estudo na sua nobilíssima cidade de Lisboa” e com a anuência do rei, haviam assentado “que o salário dos mestres e doutores se pagasse das rendas dos mesmos mosteiros e igrejas”<sup>32</sup>.

## b) Documento da fundação

O Rei D. Dinis concretizou o projeto em 1 de Março de 1290. O documento que determinava a fundação da Universidade portuguesa principia pelas palavras *Scientiae thesaurus mirabilis* e foi assinado em Leiria. Neste diploma el-Rei D. Dinis anunciou a instituição da Universidade, em Lisboa, nos seguintes termos:

Apud Vlixbonensem ciuitatem regiam, ad honorem Dei, et Beatissimae Virginis Matris eius, necnon Beati Martyris Vincentii, cuius sanctissimo corpore dicta ciuitas decoratur, Generale Studium duximus ordinandum, quod, non solum copia doctorum in omni arte munimus, sed etiam multis privilegiis roboramus<sup>33</sup>.

## c) Confirmação pontifícia

Para que a Universidade portuguesa fosse constituída com todos os direitos e privilégios das universidades, era necessário naqueles tempos a aprovação e a confirmação pontifícia. A bula *De Statu Regni Portugalliae* do papa Nicolau IV, datada de Orvieto, em 9 de Agosto de 1290, se dirige aos Mestres e alunos<sup>34</sup>. Reconhecendo o *Studium Generale* fundado por D. Dinis, a Bula concede-lhe o foro eclesiástico acadêmico e autoriza o Bispo de Lisboa a conferir os graus acadêmicos de Licenciatura e Doutoramento nas Faculdades de Artes, Medicina, Direito Canônico (Cânones) e Direito Civil (Leis)<sup>35</sup>. Era, pois, o Bispo de Lisboa, o Cancelário, ou seja, a maior

---

<sup>32</sup> Cf. DE OLIVEIRA, 113; CARDOSO, 39 ( 455).

<sup>33</sup> O texto latim com tradução portuguesa encontra-se em RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 80-81.

<sup>34</sup> Veja texto em latim e português em RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 82-84.

<sup>35</sup> “Havia igualmente nas Universidades medievais uma certa tipologia nas disciplinas professadas e nos seus conteúdos. Aquelas, dadas segundo a designação das horas canônicas (Prima, Véspera, Terça, Noa), eram o Direito Canônico, o Direito Civil, a Medicina e as Artes” (RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 15).

autoridade dentro da Universidade, como era o Bispo de Coimbra quando a Universidade esteve, temporariamente, em Coimbra.

A Bula excluía o ensino da Teologia que naquela época era ainda reservado às Ordens dos Franciscanos e Dominicanos na Universidade de Paris - *Romanae Sedis Studium*. Na Universidade portuguesa o ensino da Teologia foi autorizado pela bula *Ad Studium* do papa Gregório XI, datada de Anagni, em 7 de Outubro de 1376<sup>36</sup>.

## 2. Transferência de Lisboa para Coimbra

Em 1308 D. Dinis transferiu a Universidade para Coimbra. De 1338 a 1354 estava de novo em Lisboa, de 1354 a 1377 em Coimbra, de 1377 a 1537 outra vez em Lisboa<sup>37</sup>. O Infante D. Henrique (1394-1460) deu novas instalações, designando as salas em que se deveriam ler as diversas disciplinas: Teologia<sup>38</sup>, Leis, Decretais, Medicina, Filosofia Natural e Moral e as Sete Artes Liberais. As disciplinas tinham os seus símbolos: Medicina com a pintura de Galeno, Teologia com uma representação da Santíssima Trindade, Decreto com uma figura de Papa, Filosofia Natural e Moral com um retrato de Aristóteles e Leis com uma figura de imperador<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Cf. CARDOSO, 39 (455).

<sup>37</sup> Em 15 de Fevereiro de 1309 aparece a célebre *Charta Magna Privilegiorum* de D. Dinis, a que se dá o nome de Primeiros estatutos. Por volta de 1503 são dados verdadeiros estatutos (os terceiros) os quais, entre outros assuntos, tratam dos Ritos, do quadro das disciplinas, dos salários dos mestres, do plano curricular, das provas académicas, do provimento das cadeiras e da cerimónia do acto solene de doutoramento, da vida religiosa da Universidade etc. (cf. RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 11).

<sup>38</sup> Os textos básicos da Teologia eram a Bíblia Vulgata, os Santos Padres, e - durante vários séculos - o Livro das Sentenças de Pedro Lombardo. “A leitura dos autores considerados autoridades (*lectio*) era a base do ensino, a que se seguia o aprofundamento dos textos lidos, quer por parte dos mestres que davam a sua própria interpretação, quer por parte dos escolares, que assim exercitavam a sua perspicácia segundo o método dialéctico (*disputatio*), o qual conheceu em Paris especial desenvolvimento. Na *quaestio*, o presidente escolhia um tema para ser discutido pelos ouvintes. O *quodlibet* era a discussão livre e a abordagem de um assunto de acordo com as circunstâncias, para no dia seguinte o mestre dar a sua interpretação pessoal que era acolhida por todos como conclusiva e decisiva (*determinatio*)” (RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 15).

<sup>39</sup> Cf. RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 12. - D. Henrique doou uma tença de dez marcos de prata - depois aumentada para doze - ao Lente de Prima de Teologia, com a determinação de, no dia 25 de Março (Anunciação de Nossa Senhora), ser evocada a sua memória, determinação que hoje ainda é cumprida na “Oração *De Sapientia*”.

Quando, em 1537, a Universidade se fixou definitivamente em Coimbra, ela encontrou lá um autêntico centro de atividade científica e cultural. Os Colégios de S. João Baptista, de S. Miguel e de Todos os Santos, que dependiam do Mosteiro de Santa Cruz, desempenhavam um papel de relevo na promoção do ensino superior. O Mosteiro enriqueceu a sua valiosa livraria, criou uma tipografia própria e dedicava-se com grande empenho ao ensino da Teologia, das Ciências Bíblicas e das Humanidades. Mesmo o cultivo da Música não foi descuidado, merecendo ser referidos aqui os nomes de D. Heliodoro de Paiva, autor de textos musicais para órgão, D. Pedro de Cristo e D. Pedro da Esperança a quem se devem composições para o canto litúrgico.

Os Crúzios prestaram significativo apoio material à Universidade e cederam algumas das suas salas de aulas onde, durante anos, funcionaram as Faculdades de Teologia e de Medicina<sup>40</sup>.

### III. Da Reforma do Mosteiro à extinção dos Crúzios (1527-1834)

O estado geral da sociedade, o Cisma do Ocidente e a riqueza de alguns conventos contribuíram, em todos os países, para a decadência das ordens religiosas no último período da Idade Média. Em Portugal a relaxação dos mosteiros deve-se principalmente a três causas: abuso das comendas, excessivo número de fundações, falta de escrúpulo no recrutamento dos religiosos<sup>41</sup>. Desde o tempo de D. Manuel (1495-1521) o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra teve Piores-mores de nomeação régia<sup>42</sup>.

No ano 1527 D. João III iniciou a reforma do Mosteiro, a qual não somente incluía uma reforma dos estudos no claustro, mas teve também efeitos para a Universidade, definitivamente transferida para Coimbra em 1537. Em 1545, o Priorado-Mor foi extinto pela Bula *Cum attente* de Paulo III e as suas rendas foram incorporadas na Universidade<sup>43</sup>. Mas já antes, em 1539, el-

---

<sup>40</sup> Cf. RODRIGUES, *Abertura* [5-6] e NICOLAO DE S. MARIA, *Chronica da Ordem*, II, 60.

<sup>41</sup> Cf. DE OLIVEIRA, 156.

<sup>42</sup> No ano 1507 o Papa Julio II concedeu aos Reis de Portugal o direito de nomear o Prior-Môr de Santa Cruz. O último Prior comendatário faleceu em 1543. Mas já antes o governo de Santa Cruz tinha passado para as mãos do Prior claustral.

<sup>43</sup> No mesmo ano, pela Bulla *Pro excellenti* de 22 de maio de 1545, foi criada a Diocese de Leiria com as rendas que o Priorado-mor possuía em Leiria (Bulla *Decet Romanum Pontificem*; cf. CARDOSO, 40 (456).

Rei tinha conferido ao Prior do Mosteiro de Santa Cruz<sup>44</sup> *ex officio* a dignidade de Cancelário da Universidade, que manteve até à extinção das ordens religiosas em 1834.

## **1. Reforma do Mosteiro de Santa Cruz**

### **a) O Reformador de Santa Cruz**

*Frei Brás de Barros* nasceu em Braga. Não se conhece o ano de seu nascimento. Em 1516 professa na Ordem de S. Jerônimo. Para prosseguir estudos de aperfeiçoamento nas Ciências Teológicas, parte em 1517 para o estrangeiro - *Paris* e *Lovaina* - na companhia do seu irmão de hábito, Frei Diogo de Murça, que viria a ser, alguns anos depois, Reitor da Universidade de Coimbra. Em *Lovaina*, obteve, ao que parece, graus acadêmicos, regressando à pátria em 1525<sup>45</sup>. Por alvará de 8 de Outubro de 1527, D. João III o nomeou reformador do Mosteiro de Santa Cruz.

### **b) Medidas do Reformador**

Frei Brás desenvolveu a sua ação reformadora em três direções: a reforma espiritual e moral dos Cruzios, a reforma do patrimônio do mosteiro e a *reforma dos estudos*. A renovação dos estudos foi preparada pela renovação da livraria<sup>46</sup> e continuada por meio da introdução nos claustros de Santa Cruz do *Studium Generale*, isto é, dos estudos públicos e abertos a estudantes leigos. Ao colégio universitário fundado por ele, Frei Brás deu estatutos caracterizados pela renovação humanista.

---

<sup>44</sup> O Prior de Santa Cruz desde 1539 se tornou Prior Geral daqueles mosteiros reformados que se associaram ao seu Mosteiro. Em 1556, Paulo IV formou com várias comunidades de cônegos regrantes a Congregação de Santa Cruz de Coimbra, à qual associaram-se quase todas as casas de Cônegos regrantes em Portugal: em 1567 quatro mosteiros, em 1594/95 mais dez. Em 1630, a Congregação abrangia 20 mosteiros (cf. DE OLIVEIRA, 158).

<sup>45</sup> Cf. Cândido Augusto DIAS DOS SANTOS, *De reformador dos estudos a bispo de Leiria*, 335-336.

<sup>46</sup> Cf. DIAS DOS SANTOS, 342.



As constituições ou estatutos, elaborados por Frei Brás em 1537, foram aprovados e confirmados pela bula de Paulo III *Ut respublica christiana* de 23 de Março de 1537. Por este diploma se autorizava a concessão de graus acadêmicos nos colégios de Santa Cruz, que apresentam já um notável desenvolvimento e eram designados como verdadeira Universidade, circunscrito o seu ensino às Artes, à Teologia e à Medicina. Estes colégios gozavam de todos os privilégios, liberdades, prerrogativas, exceções e graças de que usufruíam as instituições congêneres como as Universidades de Paris, Salamanca e Alcalá<sup>47</sup>.

Foi à Universidade de *Paris* que Frei Brás buscou o modelo, escrevendo nas Constituições:

E queremos que em os ditos colegios se lea a sacra Theologia e as artes liberães e as tres lynguas com que se escreveo em a cruz o tytullo de noso Senhor Jesus Christo, ou delas as que per o tempo parecerem mais proveitosas. E quanto em boa maneira poder ser queremos que em as ditas facultades aja ao menos oyto cathedras, duas em theologia e tres em as artes liberaes e tres em as sobreditas lynguas<sup>48</sup>.

As três línguas, o latim, o grego e o hebraico, são por conseguinte condição *sine qua non* para a abordagem dos textos sagrados nas línguas originais. O estudo crítico-filológico da *Sacra Página* não poderia efetivar-se sem o conhecimento e o estudo apurado das línguas clássicas.

### c) Formação cristã

Na pedagogia de Frei Brás não estava ausente a preocupação de educar cristãmente. Nos colégios de Santa Cruz havia a preocupação pedagógica de *formar*:

Porque nosa intençam he - escrevia Frei Brás - que os escolares que em os ditos colégios ouverem de estudar nom tam somente aprendam leteras mas ainda sendo exercitados e honestos e bõos costumes, aprendam vyver segundo pertença a bõos cristãos<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Cf. DIAS DOS SANTOS, 337-338.

<sup>48</sup> *Const.* 1, citado em DIAS DOS SANTOS, 339.

<sup>49</sup> *Const.* 12, citado em DIAS DOS SANTOS, 341.

Assim Frei Brás fundou nos claustros de Santa Cruz uma escola de nível superior com estatutos modernos, da qual os históricos de hoje reconhecem uma projeção nacional. A frequência dos alunos aumentava de 86 a 205 em três anos<sup>50</sup>. E foi sobretudo a reforma do mosteiro de S. Cruz “com os seus Colégios de Todos-os-Santos, São Miguel e Sapiência, em simultâneo com os das outras Ordens Religiosas que deram a Coimbra um autêntico ambiente universitário”<sup>51</sup>.

## **2. Motivos e conseqüências da transferência da Universidade**

Porque D. João III transferiu a Universidade de Lisboa para Coimbra e quais foram as conseqüências?

### **a) Decadência em Lisboa**

Lisboa, capital do Reino e, por conseguinte dos descobrimentos, cidade “de muitas e disvairadas gentes”, não proporcionava a tranqüilidade de espírito tão necessária à reflexão e ao estudo. Além disso, pelo terremoto de 26 de Janeiro de 1531, as instalações da Universidade ficaram seriamente danificadas, as aulas foram interrompidas e muitos lentes e estudantes deixaram a capital. “Nos últimos anos de Lisboa, a Universidade encontrava-se em estado quase desesperado do ponto de vista disciplinar, científico e pedagógico”, escreve Américo Ferreira<sup>52</sup>, e continua a respeito do ensino teológico:

Unicamente uma mudança territorial da Universidade e conseqüente remodelação das suas estruturas permitiria à faculdade de Teologia superar a crise e criar ambiente propício para os seus lentes se dedicarem totalmente à ciência. Por esta

---

<sup>50</sup> Foram 86 os alunos em 1534-35, 100 em 1535-36, 132 em 1536-37 e 205 alunos em 1537-38 (cf. DIAS DOS SANTOS, 342).

<sup>51</sup> CARDOSO 43 (459). “Houve em Coimbra vinte e três colégios universitários: O Colégio das Artes ou Escolas Menores; dois colégios doutorais (São Paulo e São Pedro), dezoito colégios de Ordens Religiosas, onde viviam estudantes e professores universitários e dois de Ordens militares” (CARDOSO, nota 15).

<sup>52</sup> “Não deve contudo esquecer-se que nos últimos anos da sua permanência em Lisboa a Universidade contou com alguns professores famosos, como Garcia de Orto, ... Pedro Nunes, célebre matemático, que passaria para Coimbra mais tarde, e Pedro Margalho, Baltasar Limpo e Francisco de Monçon, reputados Mestres de Artes e Teologia” (RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 21).

altura, D. João III já havia enviado bolseiros para Paris, a fim de com eles desterrar a ignorância do reino e reparar o descuido dos seus predecessores. Mas não o contentava um punhado de bolseiros, de futuro incerto. Na posse de professores estrangeiros de reconhecida competência, teve a feliz ideia e prudente ousadia de transferir para Coimbra a Universidade, em Março de 1537, embora só em 1544 promulgasse a lei orgânica da Instituição<sup>53</sup>.

## b) Renovação em Coimbra

A transferência para Coimbra completou-se em princípios de Abril de 1537 e foi seguida por uma profunda reforma no ensino da Teologia. A renovação teológica realizou-se mediante a inclusão da *Suma Teológica de São Tomás* nos programas de estudo, por dois filhos ilustres de São Domingos: Frei Bernardo da Cruz e Frei Martinho de Ledesma<sup>54</sup>, este último discípulo de Francisco de Vitória da Universidade de Salamanca.

Mal tomado posse do seu cargo de Reitor em 1541, Frei Bernardo da Cruz propõe a substituição do professor Francisco Monzón por Martinho de Ledesma. A nomeação de novos professores e a permuta sucessiva dos titulares das cátedras de Teologia e Sagrada Escritura, significava, não somente, reformar a Faculdade alterando seus métodos, mas sobretudo substituir professores, que não querendo atualizar os seus métodos de ensino, continuavam a ensinar pelos livros das Sentenças de Pedro Lombardo, comentados por Durando, com idéias nominalistas à mistura. Com a substituição promovida pelo reitor e aprovada pelo Rei, primeiro de cátedras e depois de livros de texto, alcançou-se uma reforma profunda: a implantação do *método tomista* no meio teológico. Com a introdução deste novo método, operou-se uma importante atualização, semelhante ao que havia acontecido

---

<sup>53</sup> Américo FERREIRA, *Teólogos de Leiria e a Universidade de Coimbra no alvorecer do Mundo Moderno*, 365. - Em 1533, a Câmara de Coimbra pediu a D. João III o regresso da Universidade, “que os primeiros Reis que foram deste Reino, por muitos serviços que da dita cidade receberam, entre muitos privilégios e honras de que a dotaram, houveram por bem que o tombo do Reino e os Estudos Gerais estivessem lá” (cf. RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 21).

<sup>54</sup> Martinho Ledesma O.P. (†15.8.1574) lecionou por 30 anos na faculdade de Teologia em Coimbra, para onde trouxe aquele mesmo programa que o seu mestre introduzia, em 1526, na Universidade de Salamanca. Não se deve confundir com Pedro Ledesma O.P., Professor em Salamanca, e com Bartolomé de Ledesma O.P. (1525-1564), Professor em Mexico e Lima.

anos atrás em Paris e Salamanca. Alguns dos melhores professores da universidade de Coimbra foram espanhóis ou formados na Espanha. A mensagem teológica da faculdade de Salamanca onde Francisco de Vitória foi o grande mestre da renovação teológica emprestou ao ressurgimento teológico português profundas ressonâncias e marcadas influências <sup>55</sup>.

### c) Colaboração e papel dos Crúzios

A transferência da Universidade influenciou muito a seriedade e profundidade doutrinal da Escola de Santa Cruz de Coimbra, reformada por Frei Brás de Barros. Um Alvará de 20 de Abril de 1537 mandava que as três cadeiras de *Teologia* se lessem nos Colégios do Mosteiro da Santa Cruz, sendo os Lentes escolhidos por Fr. Brás de Braga.

Um Alvará de 8 de Outubro de 1537 autorizava que nos Colégios do Mosteiro de Santa Cruz se concedessem graus de bacharéis e mestres em *Artes e Filosofia* e que Fr. Brás de Braga concedesse licenciaturas enquanto exercesse o cargo de Governador do Mosteiro<sup>56</sup>.

Ao transferir a Universidade para Coimbra, D. João III nomeou Reitor e *Cancelário da Universidade*, o Bispo de Angra, D. Agostinho Ribeiro, que exerceu o cargo durante dois anos (1537-1539). Em Dezembro 1539, por determinação do Rei, este mesmo ofício de Cancelário passou para o Prior Geral da Congregação dos Cônegos regrantes de Santa Cruz<sup>57</sup>. É ele que, por quase três séculos até 1834, como maior autoridade dentro da Universidade, confere os graus académicos: em Medicina e Direito Civil

---

<sup>55</sup> Cf. FERREIRA, *Teólogos*, 366-367.

<sup>56</sup> RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 44. - Em 1544, as Faculdades existentes em Santa Cruz - isto é: Artes, Teologia e Medicina - passaram para o Paço das Escolas (cf. DOS SANTOS, 342). Em 1547 foi criado o Colégio das Artes, importante centro de estudos humanísticos que em 1555 passou para a Companhia de Jesus (cf. RODRIGUES, *Os estudos teológicos e bíblicos no Mosteiro de Santa Cruz no séc. XVI*, 121).

<sup>57</sup> O primeiro Cônego regrante de Santa Cruz a ser Cancelário da Universidade foi D. Bento Camões, tio do grande épico Luís de Camões. E o último foi D. João da Assunção Carneiro (cf. CARDOSO, nota 18).

por autoridade régia, em Direito Canônico e Teologia por autoridade pontifícia<sup>58</sup>.

Cinco *Reitores* da Universidade de Coimbra foram do Clero regular e um deles Crúzio: D. Francisco de Anunciação (1745-1757). Tendo sido Prior do Mosteiro de Santa Cruz e Geral, Visitador e Reformador da sua Ordem, D. Francisco de Anunciação foi nomeado Reitor da Universidade por Alvará de D. João V de 18 de Maio de 1745. Foi reconduzido quatro vezes por três anos e foi exonerado a seu pedido em Dezembro de 1757. Faleceu em Lisboa a 6 de Novembro de 1771<sup>59</sup>.

Naquele tempo outro Crúzio era Bispo de Coimbra: D. Miguel da Anunciação (1739-1779). Devido a seus cuidados em 1748 foi criado o *Seminário de Coimbra*, cuja construção foi terminada em 1765. O núcleo da preciosa biblioteca que ainda se conserva, compõe-se dos livros de D. Miguel da Anunciação a que se juntaram vários legados<sup>60</sup>.

### **3. Universidade e Collegium Sapientiae**

O séc. XVI ficou na história da cultura portuguesa como o período mais fecundo e brilhante de sempre. O que ... pode aplicar-se igualmente à história dos estudos eclesiásticos. Foi a época dos grandes tratados teológicos e exegeticos, filosóficos e místicos, de Oratória, de Direito Canônico e de História Eclesiástica<sup>61</sup>.

#### **a) Um exegeta crúzio no século XVI**

Os Crúzios não freqüentavam a Universidade pois tinham na sua casa todo o apetrechamento bibliográfico e Mestres competentes que davam lições. Além disso, criou-se uma tipografia própria onde eram impressos os seus livros. Assim Santa Cruz mantinha dentro dos seus muros uma escola notável de estudiosos que muito contribuíram para a elevação cultural do

---

<sup>58</sup> Cf. CARDOSO, 42 (458). Mais tarde um Alvará régio de 10 de Outubro de 1559 emendou os Estatutos da Universidade do mesmo ano a favor do Cancelário, Prior do Mosteiro de Santa Cruz (cf. *Estatutos da Universidade de Coimbra* [1559] 359-363).

<sup>59</sup> Cf. RODRIGUES, *Universidade e Reitores* 140 e 132.

<sup>60</sup> A Biblioteca do Seminário de Coimbra “tinha 2.200 volumes em 1761, e já 5.661 em 1861. A seguir à implantação da República, o Seminário foi encerrado e a sua biblioteca, que tinha nessa altura mais de 8.000 volumes, foi anexada à da Universidade, mas a incorporação não chegou a efectuar-se. A biblioteca foi devolvida ao Seminário em 1932” (RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 141).

<sup>61</sup> RODRIGUES, *Os estudos*, 119.

país e para a divulgação do conhecimento da Teologia, da Sagrada Escritura, da História Eclesiástica, da Mística, etc.<sup>62</sup>.

Entre os exegetas mais insignes do século XVI que Portugal conheceu, conta-se *D. Pedro de Figueiró*<sup>63</sup>. Nasceu em Figueiró dos Vinhos no ano de 1523. À aprendizagem da Teologia precedeu a tomada de hábito como Cônego regrante, que ocorreu em 1542, sendo então Prior Geral de Santa Cruz D. Bento Camões. Em Santa Cruz D. Pedro de Figueiró lecionou Exegese Bíblica durante cerca de cinquenta anos. E de tal forma se impôs que chegou a ser convidado para substituir Fr. Luís de Sotomaior na cátedra de Sagrada Escritura da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Mas o Crúzio não aceitou o convite do Rei Filipe I, reformulado depois pelo Reitor D. Fernão Martins de Mascarenhas. D. Pedro faleceu em 1592 no Mosteiro de Santa Cruz<sup>64</sup>.

## b) Colégio de Sapiência

Em 1593 o Bispo-Conde de Coimbra, D. Afonso de Castelo Branco, benzeu a primeira pedra de um Colégio universitário fundado pelo Prior Geral de Santa Cruz, D. Acúrsio de Santo Agostinho. Este Colégio Novo, mais conhecido por *Colégio de Sapiência*, começou a funcionar em 1604<sup>65</sup>. Foi governado por um Reitor eleito pelo Capítulo Geral, o qual também legislava em matéria de docência. As Constituições do ano 1784 previam quatro Professores distintos (Cátedras) de Teologia (currículo de três anos) com respectivos substitutos: um *Lector Scripturae Sacrae*, um *Lector Theologiae Dogmaticae* e um outro *Theologiae Moralis*, finalmente um *Lector Historiae Ecclesiasticae*<sup>66</sup>. Para o triênio de Filosofia havia um *Lector*

---

<sup>62</sup> Cf. RODRIGUES, *Os estudos*, 121.

<sup>63</sup> Cf. NICOLAO DE SANTA MARIA, *Chronica da Ordem*, II, 378-379.

<sup>64</sup> Cf. RODRIGUES, *Os estudos*, 122-126.

<sup>65</sup> No ano 1572 o Capítulo Geral resolveu “que se buscasse, ê comprasse sitio pera se fundar Collegio apartado de Santa Cruz” (TIMÓTEO DOS MÁRTIRES, *Crónica*, I, 125; cf. 134). No dia 30 de Março de 1593 lançou-se a primeira pedra “ê foy dedicado este novo Collegio ... ao grande Patriarca Santo Agostinho nosso Padre” (*Crónica*, II, 128). No ano 1604 os Collegiães com os seus Mestres se transferiam do Mosteiro de Santa Cruz para o “Collegio Novo de Santo Agostinho chamado, Sapiencia” (*Crónica*, I, 142).

*Philosophiae* e um *Professor linguae Graecae*. Este último ensinava também o hebraico no terceiro ano<sup>67</sup>.

### c) Academia litúrgica

No século dezoito, marcado pela reforma incisiva de D. Gaspar da Encarnação, os Crúzios continuavam a produzir importantes obras de caráter histórico e litúrgico e, ao mesmo tempo que iam prestando serviços de relevo na Universidade, no ensino de algumas disciplinas da Faculdade de Teologia. O Mosteiro colaborou no trabalho realizado pela *Academia litúrgica*, fundada em 1747 no Mosteiro de Santa Cruz. Esta Academia Litúrgica Pontifícia devia propagar e facilitar o ensino dos Sagrados Ritos e da História Eclesiástica. Bento XIV, pela Bula de fundação *Gloria Domini* (que não chegou a ter efeito, por não ter obtido o beneplácito régio), confiou a sua direção a D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra, a quem se devia a ideia da sua criação e que lhe concedeu uma tipografia própria<sup>68</sup>.

Primeiro professor da Academia Litúrgica foi D. Tomás da Encarnação da Costa e Lima. Nascido em São Salvador de Bahia no ano 1723, entrou no Mosteiro de S. Cruz de Coimbra em 1747. Como Professor foi autor de importantes trabalhos, entre os quais a *Historia Ecclesiae Lusitanae*, publicada na Coleção da Academia Litúrgica. Em 1774 foi nomeado Bispo de Olinda, onde faleceu em 1784. Seu sepulcro encontra-se na capela do Santíssimo Sacramento na catedral de Olinda<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> Cf. *De Statutis pro Collegio Sapientiae Collimbriensi*, caput III: *De Professorum Muneribus*, n. 5 em *Constitutiones* (1784), 188-189. Segundo as Constituições de 1757 dos “quatuor S. Theologiae Lectores” seriam “duos Scholasticos Dogmaticae, alterum S. Scripturae, alterum Moralis” (liber IV, caput V: *De Collegii Accolis*, n. 1 em *Constitutiones Canonorum Regularium Mag. P. Augustini Congregationis Reformatae S. Crucis Colimbriensis ...* (1757), Roma, Arquivo S. Pietro in Vincoli, ms 1069, 492).

<sup>67</sup> Cf. *Constitutiones* (1784), pars III, caput III, n. 6 (p. 189). As Constituições de 1757 previam só “unum Philosophiae Magistrum” (liber IV, caput V, n. 1 em *Constitutiones* (1757), S. Pietro in Vincoli, ms 1069, 492).

<sup>68</sup> RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 142.

<sup>69</sup> Cf. RUBERT, *A Igreja no Brasil*, III, 67-70.

A Academia foi extinta pelo Marquês de Pombal em 1767<sup>70</sup>.

#### **d) Real Colégio de Mafra**

Em 1770 a Congregação de Santa Cruz possuía treze casas. D. José (1740-1777) pediu ao Papa Clemente XIV (1769-1774) a extinção de nove casas, dando em compensação o convento de Mafra. Assim a Congregação ficou apenas com os quatro conventos: Mafra, Serra do Pilar, S. Vicente de Fora, Santa Cruz - e com o Colégio da Sapiência em Coimbra. O convento de Mafra, opulento com as rendas das casas suprimidas, foi centro cultural de crescente importância. Sob a proteção do soberano fundou-se em 1772 um colégio, intitulado *Real Colégio de Mafra*, cuja direção foi entregue aos Cônegos Regrantes de Santa Cruz<sup>71</sup>.

### **4. Últimos dois séculos**

#### **a) Universidade e Faculdade de Teologia**

Por carta de 17 de Janeiro de 1646, D. João IV (1640-1656) mandou à Universidade, que fizesse o juramento de “ensinar e defender a doutrina da Imaculada Conceição de Maria”, o que se efetuou<sup>72</sup> até à definição do Dogma em 1854.

---

<sup>70</sup> “A 8 de Novembro de 1768 publicou D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra, uma carta pastoral em que condenava a leitura e o uso de certos livros de autores franceses, com doutrinas contrárias aos ensiamentos da Igreja. Foi este o pretexto para a sua prisão, ordenada pelo Marquês de Pombal, sob a acusação de sigilismo e jacobea. O Bispo-Conde foi enviado sob prisão para Pedrouços, e um diploma régio, enviado ao Cabido da Sé de Coimbra em 9 Dezembro seguinte, declarava-o incurso em crime de lesa-majestade e, por isso, era considerado morto civilmente. A Sé foi assim declarada vaga, e o Cabido, por insinuação de Sebastião José de Carvalho e Melo, elegeu no mesmo dia D. Francisco de Lemos (o futuro Reitor da Universidade) para o cargo de Vigário Capitular” (RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 143). Foi somente em 1777 que D. Miguel saiu do cárcere e reentrava na sua catedral com todas as honras (cf. DE OLIVEIRA, 203).

<sup>71</sup> No mesmo ano, a Congregação teve de ceder o mosteiro de S. Vicente de Fora para a instalação do Patriarcado de Lisboa. A respectiva igreja serviu de patriarcal até 1792 (cf. DE OLIVEIRA, 211).

<sup>72</sup> “No claustro de 9 de Junho de 1645 foi discutida a questão do juramento da Imaculada Conceição, tendo-se dividido as opiniões. 28 professores votaram contra, entre eles o dominicano irlandês Fr. Diogo Artur, Lente de Prima de Teologia, que mais tarde foi exonerado por não ter comparecido na Capela da Universidade no dia em que se fez o juramento pela primeira vez. Em Claustro Pleno de 20 de Julho de 1646, aprovou-se por



Desde 1539 a 1834, o Prior Mor de Santa Cruz como Cancelário vigiava, e cuidadosamente, para que o ensino, especialmente em Teologia e Direito, se fizesse conforme a doutrina e as normas da Igreja. A Faculdade de Teologia nos séculos XVI-XVIII honrou a Universidade pela sua doutrina ortodoxa e pelos homens que nela ensinaram. Francisco Foreiro, Frei Egidio da Apresentação, Luís de Sottomaior, Frei Heitor Pinto, Ledesma e, o maior de todos, Francisco Soares são inesquecíveis no mundo das Ciências Sagradas<sup>73</sup>.

A Faculdade sofreu, porém, intervenções da parte do governo civil que cada vez menos respeitou as exigências de estudos eclesiásticos. Expulsa a Companhia de Jesus, o Marquês de Pombal extinguiu a Universidade de Évora em 1759 e incorporou os seus bens à de Coimbra.

Precisando de substituir os jesuítas no ensino, aproveitou a ocasião para reformar os estudos ... foram promulgados os novos *Estatutos da Universidade*, por lei de 28 de Agosto de 1772. Valiosos sob outros aspectos, os Estatutos pombalinos, no tocante à Teologia e Direito canônico, “em vez de regulamento acadêmico, mais parecem difuso tratado de jansenismo e galicanismo. A intenção do Marquês de Pombal e dos seus colaboradores foi perpetuar pelo ensino universitário os erros que abertamente professavam” (Fortunato de Almeida)<sup>74</sup>.

Ainda depois da Reforma pombalina a Faculdade de Teologia contou com Professores crúzios. A *Memoria professorum Universitatis Conimbrigensis*, publicado pelo Arquivo da mesma Universidade em 1992, apresenta 13 nomes de Crúzios a partir de 1772. Dois Crúzios ocuparam o cargo de Vice-Reitor:

---

unanimidade que a Universidade prestasse um juramento solene a Nossa Senhora da Conceição, que a 28 de mesmo mês viria a ser proclamada Padroeira do Reino ... Nesse mesmo sábado, 28 de Julho, o Reitor, lentes e Doutores, levando adiante charamelas e trombetas, foram em procissão da sala grande até a Capela da Universidade, onde estavam presentes as figuras mais destacadas do clero e nobreza da cidade. O Cancelário celebrou missa de pontifical com a maior solenidade. Acabada a Missa, o Cancelário, Prior-Mor de Santa Cruz revestido de pontifical, com báculo e mitra, colocou-se ao lado do altar da capela-mor, onde se tinha colocado a imagem de Nossa Senhora da Luz que a mesma Capela tinha. O Reitor e os Lentes ajoelharam-se em frente do altar e ouviram a fórmula do juramento, que repetiram todos e em seguida um de cada vez ... o mesmo juramento foi acrescentado à formula tridentina que se dava aos graduados pela Universidade” (RODRIGUES, *Universidade e Reitores*, 107-108).

<sup>73</sup> Cf. CARDOSO, 42-43 (458-459).

<sup>74</sup> DE OLIVEIRA, 215.

D. Carlos Maria de Figueiredo Pimentel (1779-1782) e D. João da Assunção Carneiro (1831-1834). No século XIX o Governo intrometeu-se ainda mais no plano de estatutos da Faculdade de Teologia, a qual, em 1911, se transformou em Faculdade de Letras<sup>75</sup>.

## b) A extinção civil das Ordens religiosas em 1834

Por decreto de 31 de Julho de 1833, instituiu-se uma “Comissão de reforma geral eclesiástica”, composta de quatro padres. Sob os auspícios desta comissão, foram publicados, em 5 de Agosto, quatro decretos que fixavam resoluções anteriores. Um deles proibia as admissões a Ordens sacras e a Noviciados monásticos. O decreto de 30 de Maio de 1834<sup>76</sup> do ministro da Justiça, coroou essa obra com a extinção de “todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casa de religiosos das ordens regulares”<sup>77</sup>.

Com decreto do Governo de 5 de Dezembro de 1836 as funções de Cancelário foram atribuídas ao Reitor da Universidade. Mas ainda depois da extinção civil da Congregação de Santa Cruz<sup>78</sup>, o Crúzio D. Vitorino da Conceição Teixeira Neves Rebelo continuou a lecionar na Faculdade de Teologia (desde o ano 1845), exercendo várias funções na mesma Faculdade. Foi jubilado em 1876 e faleceu em 1881<sup>79</sup>.

---

<sup>75</sup> Nos finais do século XIX, a Faculdade de Teologia sentiu o peso da desconfiança dos Prelados portugueses que tinha raízes na reforma regalista do Marquês de Pombal. A própria Faculdade de Teologia pediu a sua transformação em Faculdade de Letras. Esta foi criada por decreto com força de lei de 11 de Abril de 1911 (cf. CARDOSO, 44 [460]).

<sup>76</sup> Foi neste mesmo dia 30 de Maio, que, no ano 1779, o primeiro grupo de sacerdotes religiosos e seculares emitiu profissão solene, em virtude do decreto *Perantiquus Ordo* da Congregação dos Religiosos, com que se restaurava definitivamente a Ordem da Santa Cruz. O Decreto começa assim: “Perantiquus Ordo Canonicorum S. Crucis Conimbricensis, in Lusitania, qui per plura saecula feliciter floruit, initio huius nostri aevi, iniuria temporum, penitus extinctus est”.

O último dos Crúzios, como se veio a saber, foi D. Joaquim da Boa Morte, falecido no dia 22 de abril de 1903 em Santo Emilião, perto de Braga. A restauração iniciou-se por pedido do Bispo de Leiria em data de 24 de outubro de 1976, D. Alberto de Cosme Amaral. O Superior Geral da Ordem restaurada durante os primeiros anos (1980-1984) foi D. João Pereira Venâncio, Bispo emérito de Leiria.

<sup>77</sup> Cf. DE OLIVEIRA, 232s.

<sup>78</sup> O papa Gregório XVI nunca reconheceu a extinção, prorrogando explicitamente, por meio do Decreto *Inspecta rerum* de 24 de agosto de 1836, as faculdades do Prior Geral, D. João da Assunção Carneiro (falecido em 18 de janeiro de 1873).

## IV. Restauração do *Institutum Sapientiae* em Anápolis

No século XIX a Universidade de Coimbra inspirava a fundação de Universidades também no Brasil. Esta *Terra da Santa Cruz* ofereceu, poucos anos depois da restauração da Ordem da Santa Cruz de Coimbra, a possibilidade de continuar com a tradição da antiga Escola Claustal e do *Collegium Sapientiae*.

### 1. Restauração da Ordem em 1979 e convite do Ordinário de Anápolis

Com o Decreto *Perantiquus Ordo* do 29 de Maio de 1979 a Congregação para os Religiosos em Roma restaura definitivamente a Ordem dos Cônegos Regulares da Santa Cruz. Já o primeiro projeto das novas Constituições exprime a intenção de adicionar as antigas instituições de estudo de Santa Cruz de Coimbra (*Collegium Sapientiae*).

Poucos anos depois da restauração da Ordem cruzia, o Bispo de Anápolis pediu ajuda para o Seminário Maior da Diocese. A Direção da Ordem anuiu ao pedido do Bispo, após ter recebido também palavras de encorajamento da parte do Santo Padre João Paulo II, expressas durante uma audiência privada concedida ao mencionado Prelado no dia 4 de Julho

---

<sup>79</sup> No arquivo da Universidade conservam-se as seguintes datas indicando a atividade académica de D. Vitorino:

“*Naturalidade* - Soutelo (Penafiel), 22.4.1800 - Lousada 27.9.1881. ...

*Matrículas* - 22.10.1824.

*Graus* - Licenciado, 13.7.1831; Doutor, 25.7.1831.

*Cadeiras* - Opositor (1832-1833, 1845); História Eclesiástica (1845-1846), subst. extr.; Teologia Simbólica (1848-1849), 2º substituto; Test. Velho e Test. Novo para Exegética (1848-1849), 2º substituto; Teologia Moral (1848-1851), 2º substituto; Teologia Mística (1849-1851), 2º substituto; História Eclesiástica (1851-1853), 2º substituto; Lugares Teológicos (1851-1853), 2º substituto; Lugares Teológicos (1853-1854), 6º lente; Lugares Teológicos (1854-1857), 5º lente; Lugares Teológicos (1857-1871), 4º lente; Lugares Teológicos (1871-1876), 1º lente.

*Jubilação* - Por Decreto de 7.9.1876.

*Cargos* - Secretário da Faculdade de Teologia (1848-1850); Fiscal da Faculdade de Teologia (1850-1853); Decano da Faculdade de Teologia (25.2.1875); Director da Faculdade de Teologia (10.1875-1876).

*Observações* - Proferiu a Oração de Sapientiae de 1874” (Manuel A. RODRIGUES, *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis 1772-1937*, 35).”

de 1983<sup>80</sup>. Nestas circunstâncias a Ordem decidiu estabelecer o lugar de formação dos próprios candidatos ao sacerdócio em Anápolis. Em Novembro de 1984 o *Collegium Sapientiae* foi transferido para Anápolis com o nome de *Institutum Sapientiae*.

Foram preparados Estatutos para o *Institutum Sapientiae* e submetidos à competente Congregação da Santa Sé em Roma. Durante o ano 1988 foi efetuada a visitação canônica dos Seminários maiores em todo o Brasil, sendo visitado também o *Institutum Sapientiae* da Ordem em Anápolis.

## **2. Aprovação e desenvolvimento do Institutum Sapientiae**

Em data de 12 de Novembro de 1988<sup>81</sup>, a Congregação para a Educação Católica emanou um Decreto em que se diz:

*Institutum Sapientiae* restaurat ac restauratum declarat *ad quinquennium* experimenti gratia, sedemque eius in urbe Anapolitana constituit, facta eidem potestate gradum tantum Sacrae Theologiae Baccalaureatus conferendi.

No mesmo dia a Congregação aprovou também *ad quinquennium* as partes correspondentes dos Estatutos apresentados.

Expirado este período de tempo, a Ordem pediu que se autorizasse a concessão também de graus filosóficos. A Congregação respondeu sugerindo a afiliação do estudo filosófico a uma Faculdade de Filosofia. Assim, no ano 1996 foi assinado o Convênio para afiliar o Curso de Filosofia integrado ao *Institutum Sapientiae* à Faculdade Eclesiástica de Filosofia *João Paulo II*, de São Sebastião do Rio de Janeiro. Tal afiliação foi confirmada pela Santa Sé, a qual aprovou depois os Estatutos revistos, conforme a afiliação realizada e segundo indicações da Congregação para a Educação Católica.

Atualmente, o *Institutum Sapientiae* compreende um Estudo teológico até ao Bacharelado e um biênio filosófico afiliado à Faculdade Eclesiástica de Filosofia no Rio de Janeiro.

Michael Silberer ORC

---

<sup>80</sup> Durante esta audiência o Santo Padre “sacerdotibus Ordinis Canonorum Regularium Sanctae Crucis in docendis sacerdotii candidatis eidem Exc.mo Episcopo auxilium praestare mandavit” (*Statuta Instituti Sapientiae*, Prooemium).

<sup>81</sup> Nota-se uma coincidência de datas com a carta dirigida ao papa Nicolau IV, de Montemor-o-Novo, sete séculos atrás (12 de Novembro de 1288).

## Bibliografia

### 1) Fontes (da Ordem)

- Bullarium Monasterii Sanctae Crucis Conimbrigensis. Abertura* de Manuel Augusto Rodrigues, Coimbra 1991.
- De origine Instituti Sapientiae*, em *Statuta Instituti Sapientiae Ordinis Canoniorum Regularium Sanctae Crucis*, Roma 1997, 1.
- De scientiarum studio in Collegio et cæteris Litterariis Congregationis ministeriis em Constitutiones Canoniorum Regularium Mag. P. Augustini Congregationis Reformatae S. Crucis Colimbriensis sub Summis Pontificibus Innocentio XIII, Benedicto XIII, Clemente XII ac Smo Domino Benedicto XIII per Reverendissimum P. Fr. Gasparem ab Incarnatione Reformatorem, ac R.um P. D. Franciscum ab Annuntiatione Generalem, et Reformatorem (1757)*, Roma, Arquivo S. Pietro in Vincoli, ms 1069, 483-563.
- De Statutis pro Collegio Sapientiae Collimbriensi em Constitutiones Canoniorum Regularium Congregationis Sanctae Crucis Collimbriensis a Pio Papa VI in forma specifica approbatae, et confirmatae*, Olisipone 1784, 181-221.
- NICOLAO DE S. MARIA, *Chronica da Ordem dos Cônegos regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, 2 voll., Lisboa 1668.
- TIMÓTEO DOS MÁRTIRES, *Crônica de Santa Cruz*, 3 voll., Coimbra 1955-1960.
- Vita Sancti Antonii em Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, I, Olisiponae 1856, 116-130.
- Vita Sancti Theotonii em Aires Augusto NASCIMENTO, Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório e notas de comentário (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa 8), Lisboa 1998, 138-222.
- Vita Sancti Theotonii em Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, I, Olisiponae 1856, 79-88.
- Vita Tellois Archidiaconi em Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores* I, Olisiponae 1856, 62-78.
- Vita Tellois em Aires Augusto NASCIMENTO, Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, 54-137.

## 2) Literatura selecionada

- ALVES, João [Bispo de Coimbra], *Portugal não se entende plenamente sem se compreender o contributo da Igreja para a definição do seu perfil* (Homilia do solene Pontifical, 24-2-1982), em *Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX*, 227-236.
- CARDOSO, A. Brito, *A Igreja e a Universidade de Coimbra a propósito dos seus setecentos anos*, em *Lumen. Revista de Documentação e Reflexão Pastoral*, Braga 1991, 39-45 (455-461).
- COSTA, Avelino de Jesus DA, D. *João Peculiar: Co-Fundador do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Bispo de Porto e Arcebispo de Braga*, em *Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX*, 59-83.
- CRUZ COELHO, Maria Helena DA, *Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra*, em *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8º Centenário do Nascimento de Santo António*, Actas, Braga 1996, I, 179-206.
- CRUZ, António, *Anais, Crônicas e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, Porto 1968.
- DIAS DOS SANTOS, Cândido Augusto, *De reformador dos estudos a bispo de Leiria ou o itinerário de um contemplativo: D. Frei Brás de Barros*, em *Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese. Número especial na ocasião do 450º aniversário da Diocese e cidade de Leiria*, III/8 (1995), 335-354.
- Estatutos da Universidade de Coimbra (1559)*. Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite (Acta Universitatis Conimbricensis), Coimbra 1963.
- FERREIRA, Américo, *Teólogos de Leiria e a Universidade de Coimbra no alvorecer do Mundo Moderno*, em *Leiria-Fátima*, III/8 (1995), 355-377.
- LOPES, Fernando Feliz, *S. António de Lisboa Doutor Evangélico*, Braga 31980, 55-71.
- MARTINS, Armando Alberto, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra séculos XII-XV. História e Instituição* (Dissertação de Doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa 1996.
- MIRANDA, Maria Adelaide, *A iluminura de Santa Cruz no tempo de Santo António*, Porto 1996.
- NASCIMENTO, Aires Augusto - MARTINS, José Francisco, *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca pública Municipal do Porto*, Porto 1997.
- O'MALLEY, E. Austin, *Tello and Theotónio, the Twelfth-century Founders of the Monastery of Santa Cruz in Coimbra*, Washington D.C. 1954.
- OLIVEIRA, Miguel DE - ALMEIDA, Artur Roque DE, *História Eclesiástica de Portugal*, Mem Martins, 1994.
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores. Para uma História da Instituição*, Coimbra 1990.

- RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Universidade de Coimbra. Marcos da sua história*, Coimbra 1991.
- RODRIGUES, Manuel Augusto e outros, *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis 1772-1937*, II, Coimbra 1992 [vol. I para a época de 1290 a 1772 em preparação]
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *Os estudos teológicos e bíblicos no Mosteiro de Santa Cruz no séc. XVI. A figura de D. Pedro de Figueiró em Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX*. Coimbra 1984, 119-138.
- RUBERT, Arlindo, *A Igreja no Brasil*, 4 voll., Santa Maria 1981-1993.
- Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX. Estudos no IX centenário do nascimento de S. Teotónio 1082-1982*, Coimbra 1984

